

TRABALHADORES DE ENFERMAGEM FRENTE À MORTE: Relatando Experiência, Vivências e Dificuldades¹

Caren Franciele Coelho Dias²
Graziele Gorete Portella da Fonseca³
Márcio Kist Parcianello⁴

RESUMO

A morte é o desafio final para qualquer ser humano, é uma situação ameaçadora e causadora de muita angústia para a maioria das pessoas, devido ser o encerramento da vida. Diante disso julgou-se necessário relatar a experiência vivida por uma enfermeira em uma unidade de internação. Neste sentido objetivou-se: refletir acerca dos aspectos da morte para os profissionais da enfermagem auxiliando-os a encarar juntamente com o familiar um momento tão delicado, contribuindo assim com o aperfeiçoamento intelectual e profissional. Este estudo é um relato de experiência crítico-reflexivo que se subsidiou em alguns dos constructos da epistemologia existencial-fenomenológica. Devem-se criar espaços para discutir esse assunto, que precisa ser verbalizado e trabalhado com os profissionais de enfermagem para que estejam preparados para atuar frente à morte e o morrer dos pacientes, e de luto de seus familiares.

Palavras-chave: cuidados de enfermagem; morte; equipe de enfermagem;

¹ Estudo do tipo relato de experiência crítico-reflexivo

² Autora-relatora: Enfermeira, cursando o Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: carenfrancielecoelhodias@yahoo.com.br.

³ Co-autora: Enfermeira, especializanda em enfermagem do trabalho pelo Sistema Educacional Galileu (SEG) – Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: grazipf@yahoo.com.br.

⁴ Co-autor: Graduando do 7º semestre em enfermagem pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) – Santa Maria, RS, Brasil. E-mail: marciokpar@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

A morte é o desafio final para qualquer ser humano, é uma situação ameaçadora e causadora de muita angústia para a maioria das pessoas, devido ser o encerramento da vida, nenhum outro evento é tão traumático quanto este. A idéia da morte nos traz permanentemente a consciência de nossa vulnerabilidade e de que nenhum progresso tecnológico nos permitirá sobreviver a ela.

Bretãs; Oliveira; Yamaguti (2006) nos descrevem que morte é definida como um processo, um fenômeno progressivo e não mais como um evento, seu conceito é apontado como sendo de morte encefálica devido a vários fatores como a facilidade da medicina em prolongar a vida por meios artificiais. Entre as pessoas e os profissionais da saúde existe uma diferença enorme, pois, para os trabalhadores da saúde a morte se faz presente no dia-a-dia tornando-se uma companheira de trabalho, a enfermidade é uma ameaça a vida e pode surgir como um sinal de morte.

A experiência da perda da pessoa amada não é apenas intensa para quem vive, mas para quem observa e que estabeleceu vínculo mais intensos com o paciente. Conforme os autores supracitados os profissionais de saúde apresentam dificuldade em se relacionar com pacientes com prognóstico de morte devido às características que apresentam e a dificuldade em lidar com a situação podendo despertar sentimentos como impotência e culpa.

Os profissionais de saúde estão diretamente ligados com esses pacientes e seus familiares, sendo com eles que o enfermo busca conversar sobre seus temores, em contato com diversos sentimentos vivenciados pelos pacientes. O profissional está diante do conflito de como se posicionar frente ao sofrimento e a dor, que nem sempre pode ser aliviada (SILVA e RUIZ, 2003). Após a vida acadêmica se julgou necessário relatar a experiência vivida por uma enfermeira em uma unidade de internação, por se julgar relevante, pois os profissionais da saúde são ensinados a cuidar da vida, mas não da morte, uma evidência disso é que na maioria dos cursos de graduação não existe uma disciplina curricular que trate desse assunto complexo que é o processo de morrer.

O interesse em realizar este relato de experiência partiu de várias inquietações sobre a situação de morte vivenciada pelos profissionais da saúde, considerando a lacuna existente referente a este tema. Neste sentido objetivou-se: refletir acerca dos aspectos da morte para os profissionais da enfermagem auxiliando-os a encarar juntamente com o familiar um momento tão delicado.

METODOLOGIA

Este estudo é um relato de experiência crítico-reflexivo que se subsidiou em alguns dos constructos da epistemologia existencial-fenomenológica. Uma vez que o mesmo foi baseado em vivências e experiências de uma enfermeira ao estar no mundo do cuidado de enfermagem em um hospital federal numa unidade de internação num município do Rio Grande do Sul/Brasil, e compartilhar das angústias, inquietações vividos pelos profissionais da saúde em confrontar-se com as situações de morte e morrer de pacientes no referido cenário, a dificuldade que esses profissionais apresentam em discutir o assunto, os procedimentos realizados no pós-morte e a difícil tarefa de conversar com a família sobre o óbito.

Visto que a filosofia existencial-fenomenológica não tem por intuito a objetificação, quantificação ou controle do contexto dos indivíduos, mas sim volta-se a captação e apreensão subjetivas dos fenômenos existenciais, com vista a compreendê-los e interpretá-los de forma única e singular. A corrente existencial-fenomenológica intencional a descrição dos fenômenos particulares ou da aparência das coisas, como experiência vivida pelo ser em seu mundo, além de revelar e permitir a compreensão do é da vivências e experiências do ser humano e não o seu por que (MOREIRA, 2002).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os avanços tecnológicos na área da saúde contribuíram e muito para salvar vidas e amenizar o sofrimento daqueles que estão em fase terminal, mas

não são suficientes para nos livrar da morte (HORTA, 2009). A perda faz parte do nosso ciclo de vida, difícil mesmo é aceitá-la como parte integral da vida, mesmo porque isto significaria renunciar a ela.

Conforme Smeltzer e Bare (2002) a experiência de morte é dolorosa, ameaçadora e solitária, e ela detona um grupo de respostas emocionais que podem ser apresentadas como negação, choque, descrença, raiva, inércia, ansiedade intensa, solidão, melancolia, perda de controle e depressão. Outro fator que influencia o luto é o modo da perda, as crenças religiosas, a cultura e a personalidade, os familiares e trabalhadores da saúde vivenciam o luto de maneiras distintas e não existe uma linha temporal para completar esse processo.

A ação dos profissionais em saúde é ajudar a família a aceitar a morte e saber conviver com o luto, trabalhando o autoconhecimento para alcançar o equilíbrio emocional e interagir com a família, humanizando o cuidado fornecido, numa assistência integral. Os cuidados realizados por esses profissionais envolvem o fornecimento de conforto abordando as necessidades físicas e emocionais e estratégias para o enfrentamento do stress para as famílias. Esse trabalho se transforma em conforto ao familiar, mantendo uma assistência em nível de ser humano, e não como um aglomerado de sinais, sintomas e reações. Com isso nada irá abalar o relacionamento enfermagem, paciente e familiar e afastá-los do conhecimento e da arte de servir.

Os profissionais devem lembrar-se que o paciente que foi a óbito não está sozinho, pertence a um grupo social, uma família, que precisa de um cuidado holístico e devem ser alvo para não haver uma desestruturação em nível bio-psico-social-espiritual inicialmente advindo por um alto nível de ansiedade causado pela perda. Sendo assim é fundamental para a humanização do cuidado, existir um comportamento que denote interesse e respeito da equipe pelo familiar.

A comunicação efetiva não se compõe apenas na palavra, mas conhecer os mecanismos que promoverão a melhor execução de suas funções em relação à morte, bem como tornar o evento mais controlável para o paciente e para a família, permitindo que tenham a maior coerência possível dentro

dessa situação avassaladora. Com a comunicação os profissionais da saúde potencializam a sua capacidade de compreender o familiar, orientando de forma coerente, dando continuidade à assistência, estando habilitado a detectar dificuldades, sendo esse instrumento básico na nossa profissão.

A morte é um processo amplo, demorado e complexo para ser aceito, no qual as pessoas apresentam resistências, pois envolve mudanças que sempre despertam insegurança, por esse motivo devemos humanizar o cuidado com os familiares no pós-morte tendo um processo singular de humanização. Acredito que o fato da assistência a família ainda se constituir em um tema pouco explorado, este relato possa contribuir de alguma maneira para consolidar esta prática para serem viabilizadas e impulsionadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso e com o que foi vivenciado durante o relato sobre a morte, buscamos viabilizar um aspecto ainda não experimentado como parte expressiva no processo de enfermagem. Identificamos que os profissionais têm dificuldade em lidar com o processo de morte e família, pois quem cuida não está imune a angústia e ao sofrimento causados pelo processo de morrer, estando também o cuidador refletindo sobre sua finitude e o significado de sua própria vida. Os profissionais devem procurar em várias ações o equilíbrio entre a razão e a sensibilidade, a interação e comunicação juntamente com a família, pois é fundamental para proporcionar o apoio emocional que tanto necessita nesse momento.

Devem-se criar espaços para discutir esse assunto, que precisa ser verbalizado e trabalhado com os profissionais de enfermagem para que estejam preparados para atuar frente à morte e o morrer dos pacientes, e de luto de seus familiares. Percebemos que a criação desses espaços para sensibilização, autoconhecimento e reflexão sobre o tema qualifica o profissional, não só para assistir a vida, mas também no processo de morte e o morrer.

Ao finalizarmos este trabalho verificamos a importância de trabalhar os aspectos emocionais e pautais que cercam o ambiente familiar e que estejam vinculados ao processo do adoecer e da morte. Para que isto ocorra é preciso que os profissionais estejam aberto para discutir todo e qualquer aspecto relacionado a este tema, para que contribuam em muita com a melhoria da assistência prestada a família.

REFERÊNCIAS

- BRÊTAS, José Roberto da Silva; OLIVEIRA, José Rodrigo de; YAMAGUTI, Lie. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. *Rev.esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 40, n. 4, 2006.
- HORTA, M. Eutanásia – Problemas éticos da morte e do morrer. *Revista Bioética*, Brasília, v.7, n.1, nov., 2009.
- MOREIRA, D. A. O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: Pioneiro Thomson, 2002.
- SILVA, Antonio Lucieudo Lourenço da; RUIZ Erasmo Miessa. Cuidar, morte e morrer: significações para profissionais de enfermagem. *Est Psicol.* v. 20, n. 1, p. 15-25, jan-abr, 2003.
- SMELTZER, Suzanne C; BARE, Brenda G. *Tratado de Enfermagem Médico Cirúrgica*. 9. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.